

INTERNACIONAL



Esta seção trata dos protestos no Chile, da reeleição de Evo Morales na Bolívia, das eleições parlamentares no Canadá, da perda de espaço do Uribismo nas eleições regionais colombianas, da eleição de Alberto e Christina Kirchner em primeiro turno na Argentina e da eleição uruguaia, que terá segundo turno.

Protestos no Chile avançam contra o neoliberalismo

Após a temporada de protestos populares no Equador contra o fim dos subsídios governamentais aos combustíveis que, em função da mobilização coordenada por sindicatos e organizações indígenas, foram revogados, e os protestos massivos ainda em andamento no Haiti, chegou a vez do Chile.

Ali, os protestos começaram após o presidente de direita, Sebastián Piñera, anunciar aumento de 30 pesos no preço da passagem de metrô em horário de pico (cerca de R\$ 0,20) na capital Santiago.

A partir disso, o movimento estudantil convocou “pula-catracas” nas estações e as manifestações foram se alastrando na sociedade e por todo o país, formaram-se barricadas em vários pontos de Santiago, ônibus e vagões de metrô foram incendiados, bem como o prédio da empresa de distribuição de energia, a Enel. Até o momento, vinte mortes foram confirmadas e milhares de pessoas foram detidas.

A resposta inicial de Piñera foi aumentar a repressão contra os manifestantes. No dia 19 de outubro foi declarado estado de emergência, e as Forças Armadas foram para a rua. Há denúncias de violações de direitos humanos por parte da polícia e do Exército, a exemplo da utilização de uma estação desativada de metrô como centro de tortura, assédio e violência sexual.

O governo recuou da decisão de aumentar o preço da passagem ainda no dia 19, mas os protestos já tinham tomado outra proporção e se dirigiram contra a austeridade pública e o domínio do mercado que imperam no país desde a ditadura de Augusto Pinochet, pois mesmo que essa tenha acabado em 1990 a Constituição não foi modificada. Desde então houve vários governos progressistas. Particularmente, a ex-presidenta Michelle Bachelet em seus dois mandatos (2006-2010; 2014-2018) tentou promover reformas, mas não tinha maioria parlamentar para implementá-las.

Educação e a saúde, por exemplo, continuam privadas, e a previdência, a mesma que Jair Bolsonaro e seu ministro da Economia, Paulo Guedes, defendem para o Brasil, não consegue dar uma vida digna para os aposentados que, em sua maioria, ganham menos que um salário mínimo.

Piñera, ao se ver encurralado, pediu perdão à população e anunciou uma série de medidas com cunho social para tentar acalmar os protestos, abarcando a previdência, o salário mínimo e as tarifas de água e energia elétrica. Novamente não surtiu efeito, e no dia 25 ocorreu a maior manifestação desde a redemocratização do país, quando um quinto da população de Santiago foi às ruas. No dia 26 o presidente pediu

a renúncia de todos seus ministros. Dois dias depois oito já tinham caído e o Estado de emergência sido revogado. Apesar disso, os protestos continuam e o mote atual é a aprovação de uma nova Constituição.

Evo Morales foi reeleito na Bolívia

As eleições gerais na Bolívia ocorreram no dia 20 de outubro (presidente e vice, 130 deputados e 36 senadores). O presidente Evo Morales do Movimiento Al Socialismo – Instrumento Socio Político (MAS – ISP), candidato ao quarto mandato, obteve 47,08% dos votos, contra Carlos Mesa, do Comunidad Ciudadana (CC) em segundo lugar, com 36,51%. Este resultado deu a vitória a Evo já no primeiro turno, embora por estreita margem, pois pela legislação eleitoral vence no primeiro turno quem obtiver 50% + um dos votos ou mais de 40% desde que a diferença em relação ao segundo colocado seja superior a 10%.

No entanto, mal-entendidos na divulgação dos resultados preliminares, por meio de dois critérios, um que era o anúncio da soma dos votos registrados em atas e outro a contagem detalhada urna a urna, possibilitaram ao segundo colocado, Carlos Mesa, e seus grupos de apoio denunciarem fraude eleitoral e recusarem reconhecer o resultado, pois querem levar a eleição para um segundo turno. Com isso, houve várias manifestações violentas em protesto, e governantes de direita, como os do Brasil, Paraguai, Colômbia, entre outros, além da Organização dos Estados Americanos (OEA), também não reconheceram o resultado e propuseram realizar o segundo turno, pois ao conhecer o potencial de votos da direita ficaria relativamente simples aglutinar o apoio de toda a oposição à Evo em favor de Carlos Mesa. Particularmente, a OEA e seu secretário geral, Luis Almagro, têm se comportado desonestamente nas relações internacionais no hemisfério, por exemplo, ao também atribuir, sem provas, aos governos de Cuba e Venezuela, a responsabilidade pelas recentes mobilizações contra o neoliberalismo no Equador e no Chile.

Mesmo assim, o governo boliviano propôs à OEA e quem mais o queira participar de uma auditoria urna por urna. Se esta auditoria detectar fraude, Evo Morales se dispõe a aceitar a realização de um segundo turno.

Partido de Justin Trudeau faz maioria no Canadá

Nas eleições parlamentares, também realizadas no dia 20, o Partido Liberal conquistou 157 cadeiras no parlamento canadense, embora obtendo vinte a menos do que na eleição de 2015. O mínimo necessário para um partido governar sozinho com 50% mais um seria 179 cadeiras, apesar de no Canadá ser possível compor governos minoritários desde que o partido em questão seja contemplado com o maior número de deputados em comparação com os demais.

Os demais partidos obtiveram o seguinte resultado: o Partido Conservador (oposição oficial) 121 cadeiras; o Bloco Quebequense, 32; o Novo Partido Democrático, 24; o Partido Verde, três, e foi eleito um deputado independente. O sistema de votação no Canadá, à semelhança de outros países anglo-saxões, é distrital. Assim, os liberais elegeram mais deputados que os conservadores, embora estes alcançassem 34,4% dos votos populares contra 33,1% dos liberais.

Uribismo perde espaço nas regionais da Colômbia

No domingo, dia 27 de outubro, ocorreram eleições municipais e estaduais na Colômbia, que elegeram prefeitos, governadores, deputados regionais e vereadores. O uribismo, herança política do ex-presidente de direita, Álvaro Uribe, foi o grande derrotado, perdendo em várias cidades como Bogotá, Cali e Medellín, que são as maiores do país.

Na capital, Bogotá, a prefeitura foi conquistada pela ex-senadora Claudia López com mais de 35% dos votos válidos e será a primeira vez que uma mulher assumirá este cargo. Candidata de uma aliança entre a Aliança Verde e o Polo Democrático Alternativo, López também é assumidamente lésbica e foi eleita com discurso contra a homofobia, o racismo e o machismo. Além disso, ela é defensora do acordo de paz com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

Em Cali, outro candidato dos verdes venceu, o ex-prefeito Jorge Iván Ospina, com quase 38% dos votos válidos. Em Medellín, tradicional reduto do uribismo, o opositor Daniel Quintero Calle foi o primeiro colocado e assumirá o cargo, contra 29% de Alfredo Ramos, membro do partido Centro Democrático, o mesmo do presidente Iván Duque.

Duque se elegeu em junho de 2018 com o apoio de Uribe. Seu concorrente era Gustavo Petro, do Movimento Progressista, que chegou ao segundo turno em uma eleição que foi a melhor para a esquerda desde o começo de sua participação nos processos eleitorais. Agora, em 2019, o progressismo parece ter avançado ainda mais na Colômbia.

Alberto e Christina eleitos na Argentina

Assim como na Colômbia e no Uruguai, a eleição argentina também ocorreu no dia 27 de outubro para eleger a chapa presidencial, parte da Câmara de Deputados e do Senado, além da maior província do país, Buenos Aires, e a prefeitura da capital.

A chapa presidencial Frente de Todos, encabeçada por Alberto Fernandez e Christina Fernández de Kirchner, foi vitoriosa já no primeiro turno ao obter 47% dos votos contra 41% do segundo colocado e candidato a reeleição, Mauricio Macri. Para vencer no primeiro turno na Argentina é necessário alcançar mais de 45% dos votos ou mais de 40% desde que a diferença em relação ao segundo colocado seja de, no mínimo, 10%.

O candidato desta mesma frente ao governo da província de Buenos Aires, Axel Kiciloff, também foi vencedor, e Macri somente pode se gabar da eleição de seu candidato para prefeito da cidade de Buenos Aires. Na realidade, o resultado que obteve para presidente, 41%, revela certa resiliência de suas políticas apesar do crescimento do custo de vida, do aumento da pobreza e do desemprego na Argentina. A Frente de Todos conseguiu superar a perseguição judicial e a difamação do kirchnerismo por meio de uma unidade grande do peronismo

em torno de Alberto Fernandez, costurada principalmente pela própria Christina.

No discurso de vitória, Alberto não deixou de mencionar esta perseguição, assim como a que é movida no Brasil contra o ex-presidente Lula, e defendeu em alto e bom tom, “Lula Livre”.

Frente Amplio enfrentará segundo turno no Uruguai

O candidato do Frente Amplio, Daniel Martinez, chegou em primeiro lugar na disputa eleitoral para presidente com 41% dos votos, seguido pelo candidato Luis Lacalle Pou, do Partido Nacional (Blancos), em segundo lugar com 31% dos votos. Outro candidato do Partido Colorado, também de direita, Ernesto Talvi, obteve 13% e o candidato da extrema direita, Guido Manini Rios, uma espécie de Bolsonaro local, obteve 11% dos votos. Também foram eleitos deputados e senadores, mas nenhum partido obteve maioria no parlamento. O senador mais votado foi o ex-presidente, Pepe Mujica.

O segundo turno será realizado no dia 24 de novembro e o candidato Lacalle Pou sai em vantagem, apesar de seus 31% dos votos, pois a soma dos votos de todos os candidatos da direita supera 50%, embora não esteja garantida sua total transferência.

De qualquer maneira, o Frente Amplio terá que lidar com o desgaste natural de três mandatos frente ao governo, apesar dos sucessos econômicos e sociais alcançados; com as preocupações das pessoas sobre as políticas de segurança exploradas exageradamente pela direita; com a necessidade de impor uma geração mais jovem na presidência e com dissensões que surgiram no interior do próprio FA ao longo do atual mandato do presidente Tabaré Vazques. A ver.